

A ‘oscilação’ de La Mettrie: o modelo mecânico e o processo fisiológico

Marisa C. de O. F. Donatelli

Universidade Estadual de Santa Cruz/CNPq

Com base no ‘Discurso Preliminar’, texto de 1750, observa-se que La Mettrie defende o estudo da natureza a partir de uma crítica às atitudes tomadas pelos pensadores ao longo da história da filosofia. Logo no início desse texto, encontra-se uma manifestação exaltada, bem ao seu estilo, contra o encaminhamento adotado no tratamento de assuntos concernentes à filosofia da natureza:

“Abri os olhos e vós vereis alardeados em todas as partes: *‘Provas da existência de Deus pelas maravilhas da natureza’*; *‘Provas da imortalidade da alma pela geometria e pela álgebra’*; *‘A religião provada pelos fatos’*; *‘Teologia física.’*” (LA METTRIE, 1987b, p. 9).

La Mettrie incita seus leitores a abandonarem tal postura no estudo da natureza e concita-os a desenvolverem seus estudos desvinculando-os da leitura dos livros de filosofia e do amplo domínio que ela pretende abraçar, uma vez que isso leva à conclusão equivocada de que a filosofia vincula-se de tal forma à teologia e à moral que o estudo da natureza poderá propiciar não só “o conhecimento de seu adorável autor como também a apreensão das verdades morais e reveladas”. (Ibid., 52) A única saída vista por ele, para um bom encaminhamento nessa área, encontra-se na medicina.

No estudo da natureza, é preciso descer das nuvens¹, que só oferecem um aparente conhecimento, pois estão distantes do objeto a ser conhecido, para chegar ao terreno da física no qual deve ser considerada a matéria organizada. O ponto de partida para esse estudo está localizado no homem, cuja estrutura deve ser considerada em comparação com a dos animais, estando todos submetidos às mesmas leis e sujeitos à

¹ La Mettrie se refere textualmente a uma máquina suspensa, utilizada na apresentação de óperas, particularmente na ópera barroca, circundada de raios luminosos e nuvens, na qual ficavam as divindades, máquina esta comparada ao que ele denominou ‘máquina teológica’.

destruição. Nessa concepção, ao adotar o ponto de vista médico, La Mettrie aproxima a filosofia da verdadeira medicina, submetendo a primeira à natureza. Isso porque a filosofia, da mesma forma que a medicina, só deve considerar o que ele chama de ciência das coisas, que se volta para os fenômenos e considera as causas e os efeitos.

Logo no início do ‘Tratado da alma’, texto de 1745, La Mettrie deixa bem claro que não se preocupará com a busca das essências da alma e do corpo, uma vez que tal conhecimento é impossível, já indicando a vanidade desses estudos que será reafirmada no ‘Discurso Preliminar’. O conhecimento possível das propriedades da alma está pautado naquelas que se manifestam no corpo, tomando como guia os sentidos, pois só eles podem nos levar ao conhecimento da verdade (LA METTRIE, 1987b, p. 125). Assim, o organismo é tomado como o centro da reflexão lamettriana, tendo como apoio as leis mecânicas que regem as funções do corpo do ser vivo. Voltar-se para o homem em todas as suas idades e em todos os seus estados é a recomendação básica defendida por La Mettrie para construir uma filosofia que seja conseqüente e se afaste dos devaneios engendrados pela pretensão metafísica. É assim que o homem se torna o foco principal de seus estudos, mas de uma forma muito específica: ele se torna o modelo físico e intelectual do universo, como afirma Vartanian, de forma que esse universo fica reduzido à máquina. Mas há uma contrapartida, pois a própria natureza se humaniza ao se estabelecer essa comparação com o homem ‘mecanizado’ (VARTANIAN, 1999, p.54). Além disso, o homem, ao se tornar a referência central, serve de medida para o que existe ao seu redor: o mundo se torna a sua imagem.

Ao partir do pressuposto da impossibilidade de se conhecer a essência da alma, assim como a da matéria e dos corpos, La Mettrie defende que a alma separada do corpo por abstração corresponde à matéria considerada sem qualquer forma, o que vem a ser inconcebível: eles estão juntos desde sempre. As propriedades atribuídas à alma manifestam-se no corpo, e apenas por meio dele é possível conhecê-las. Nesse universo explicativo, os sentidos são tomados como o único guia a ser considerado como seguro para “esclarecer a razão na procura da verdade”. (LA METTRIE, 1987a, p.125) Assim, o conhecimento verdadeiro deve se pautar neles. Com essa postura, que remete aos antigos, La Mettrie critica a idéia de matéria passiva defendida pelos modernos, como sendo pouco exata e fruto da má compreensão do conceito. Isso porque eles não

levaram em consideração a força motriz e a faculdade de sentir na substância do corpo. Com isso, compreende-se a sua recusa em aceitar um agente externo ao corpo como causa de seu movimento. Esse agente se reduz a um ‘ser de razão’, pois há uma força intrínseca na substância dos corpos: a ação das partes da substância é a causa do surgimento das formas “pelas quais a força motriz dos corpos se torna efetivamente ativa”. (Ibid., p. 137)

A compreensão do homem, entendido como máquina, deve estar pautada na experiência e na observação, em clara oposição aos filósofos que o concebem a priori, dentre os quais ele situa Descartes. No entanto, parece que essa oposição não constitui, por si só, um distanciamento entre esses dois autores. Isso porque é possível aproximá-los no ponto mais básico de suas interpretações: o corpo opera em consonância com as leis mecânicas que estão na base do comportamento biológico e psicológico dessa máquina humana. Nessa aproximação, não deve ser menosprezado o aspecto da regeneração do mecanismo. Em ambos os autores encontra-se a defesa da autorregulação da máquina, indicando uma autonomia da matéria, que é claramente defendida por La Mettrie². Na base dessa concepção, encontra-se o princípio de conservação da matéria que se constitui como a condição de regeneração dos mecanismos. A autossuficiência da máquina requer que a matéria seja concebida como estrutura que contém em si os princípios de sua forma e estrutura, de tal modo que ela se torne, como o próprio autor afirma, uma imagem viva do movimento perpétuo (LA METTRIE, 1987c, p. 69).

Ao adotar e adaptar a noção halleriana de irritabilidade³, La Mettrie a transforma em princípio motor não só de corpos inteiros, mas também de partes destacadas do

² Em Descartes, essa autonomia pode ser vislumbrada na natureza, enquanto nos produtos da indústria humana encontra-se uma autonomia relativa. É assim que, ao se voltar para o corpo humano, Descartes defende a autorregulação com a finalidade de sua preservação, indicando que as leis da mecânica sustentam o comportamento do corpo da forma mais adequada possível. Além disso, nesse âmbito deve ser considerada a defesa de um princípio corporal dos movimentos que aí se dão, a exemplo do que se passa nos autômatos.

³ Albrecht Haller (1708-1777), o mais ilustre representante da escola de Boerhaave, defendeu a irritabilidade e a sensibilidade como propriedades da matéria viva que não devem ser confundidas com forças físicas.

conjunto, em todos os animais, independente de sua temperatura e de sua compleição física. Afinal, para ele, “cada pequena fibra, ou parte dos corpos organizados, move-se por um princípio que lhe é próprio” (LA METTRIE, 1987c, 100). Mas é preciso considerar que há um mecanismo responsável pelo movimento dos demais. Para compreender isso, deve ser levado em conta o que o autor entende por alma. Nesse contexto, a alma deixa de ser tomada como imaterial e associa-se a uma parte do cérebro que é considerada como a engrenagem mais importante dessa máquina, sobre a qual exerce sua influência de forma integral (Ibid., p. 105). O corpo não necessita de nenhum princípio de movimento externo a ele. Como La Mettrie afirma: “O homem nada mais é do que um conjunto de engrenagens que se montam umas às outras” (Ibid.). Nesse quadro, a engrenagem mais importante é a alma que passa a integrar o conjunto. Mas de que maneira? Tudo indica que ela está posta, agora, na característica fibrilar da matéria. Ao localizar materialmente a alma no corpo, por meio da descoberta de Haller, La Mettrie materializa a alma, é verdade, mas não recorre a nenhum princípio que escape ao âmbito do corpo. A base encontra-se em uma concepção dinâmica da matéria que se distancia da concepção cartesiana e é tributária da medicina que se constitui como a base epistemológica lamettriana.

Na questão concernente à alma, no entanto, é possível notar uma postura ambígua de La Mettrie, ao longo da leitura do ‘Tratado da alma’ e do ‘Homem-máquina’. O constante recurso aos antigos em contraposição aos modernos, com ampla margem de preferência pelos primeiros, deixa entrever a permanência de alguns pontos que indicam a combinação entre mecanismo e vitalismo. A presença de Galeno e de Hipócrates encontra-se de forma bastante acentuada nas questões concernentes à alma e ao cérebro, como pode ser constatado em sua referência à ‘sede da alma’ encontrada no ‘Tratado da alma’. Com base na experiência, La Mettrie afirma que a alma é afetada pelas sensações no cérebro, uma vez que, por exemplo, quando essa parte sofre algum dano, leva à total incapacidade de sentir, de conhecer e de discernir. Em outras palavras, a secção de nervos e a corrupção do cérebro provocam esse tipo de alteração, a exemplo do que já foi transmitido por Galeno. Como afirma La Mettrie:

“Esse sábio conheceu, portanto, perfeitamente a sede da alma e a absoluta necessidade dos nervos para as sensações. (...) Não nos reportaremos aqui às opiniões de Aristóteles, de Crisipo, de Platão, de Descartes, de Vieussens, e Rosset, de Willis, de Lancisi etc.

Neste assunto, é preciso sempre voltar a Galeno, como à própria verdade. Hipócrates parece também não ter ignorado onde a alma reside.” (LA METTRIE, 1987a, p. 152-153)

O recurso aos espíritos animais está presente em suas obras, pois os nervos ainda servem como condutos a eles no processo da sensação; o mecanismo responsável por todos os outros se identifica com o que Hipócrates chamou de *enormon* (alma) e tem sua sede no *sensorium commune*, na origem dos nervos “por meio dos quais ela exerce seu domínio sobre todo o resto do corpo” (LA METTRIE, 1987c, p. 102), ou seja, é o ponto em que “a alma sensitiva recebe as sensações graças ao refluxo desses espíritos animais que agem sobre ela por meio de seu movimento” (LA METTRIE, 1987a p.152). Curioso notar que La Mettrie afirma estar muito bem demonstrado, por meio de várias experiências e sólidos argumentos, o processo de sensação que envolve a existência de uma matéria muito sutil que escoia dentro dos nervos: trata-se do espírito animal (Ibid., p. 151).

Nessa oscilação, La Mettrie acaba adotando posições, tais como as referidas acima, que promovem uma associação de tal forma que torna híbrida sua postura na crítica tão cerrada que faz a Descartes. Hibridismo que se nota em sua concepção de corpo organizado, uma vez que associa ao mecanicismo, presente no funcionamento da máquina corpórea, e que não se mostra suficiente para dar conta da matéria organizada, uma espécie de vitalismo, ao defender uma ‘força inata da matéria’ – irritabilidade – que a caracteriza como automovente. Nessa interpretação, a alma está condicionada à organização do corpo, vincula-se às funções orgânicas e passa a ter uma relação muito próxima com os alimentos que não só mantêm o corpo em bom estado, mas garantem o seu próprio bem-estar.

“Os diversos estados da alma são, então, sempre correlatos aos do corpo. Mas para melhor demonstrar essa dependência e essas causas, sirvamo-nos da anatomia comparada; abramos as entranhas do homem e dos animais. O único meio de conhecer a natureza humana se dá por um justo paralelo entre a estrutura de um e de outros.” (LA METTRIE, 1987c, p. 73)

Assim, o homem se integra com os outros animais, uma vez que todos pertencem à mesma natureza e possuem inteligências adequadas às suas necessidades.

“Em geral, a forma e a composição do cérebro dos quadrúpedes é mais ou menos a mesma que no homem. Mesma configuração, mesma disposição por toda parte, com esta diferença essencial: o homem, de todos os animais, é aquele que tem mais cérebro e

o cérebro mais tortuoso, ao levar em conta a massa de seu corpo; em seguida o macaco, o castor, o elefante, o cachorro, a raposa, o gato etc. Eis os animais que mais se assemelham ao homem (...).” (Ibid.)

As engrenagens que formam o homem distinguem-se apenas quanto à localização e graus de força, resguardando a mesma identidade no que concerne à sua natureza. A comparação com o pêndulo de um relógio aparece na consideração das fibras que compõem essa máquina corpórea e apresentam uma oscilação que deve ser renovada à medida que se torna mais fraca, uma vez que ela não se exerce continuamente, ou deve ser enfraquecida quando se apresenta com excesso de força. É justamente na defesa do caráter fechado desse movimento oscilatório que pode ser vislumbrada uma articulação entre mecanicismo e vitalismo: a oscilação indica a existência de uma força que é própria da matéria (fibra) e remete, ao mesmo tempo, ao modelo mecânico, uma vez que se refere às leis do pêndulo. Essa mesma combinação surge na comparação do corpo com um relógio: “O corpo é apenas um relógio cujo novo quilo é o relojoeiro”. O modelo do movimento do relógio associa-se ao processo de regeneração, no qual o quilo desempenha o papel principal, uma vez que ele regenera o sangue, base de sustentação para o funcionamento da máquina corpórea, a partir do processamento dos alimentos até a formação dos espíritos animais que atuam de forma a ‘animar’ o corpo: o quilo desempenha, aqui, o papel de princípio conservador (Ibid., p.105). Nesse ponto, o autor remete à mecânica dos sólidos e dos fluidos para indicar que são esses espíritos os responsáveis pela manutenção do movimento necessário à boa conservação do corpo. O corpo, enquanto máquina, reporta-se a máquinas reais, além de considerar a física no que diz respeito aos princípios dela extraídos que seguem essa concepção. Referências a Julien Le Roi, a Huygens e a Vaucanson⁴ surgem para reforçar a comparação com a natureza que, segundo La Mettrie, emprega “mais arte e engenho para fazer e conservar uma máquina que, durante um século inteiro, possa marcar todos os batimentos do coração e do espírito”, pois por meio do pulso é possível julgar a natureza da alma, uma vez que ele nos indica o calor e a vivacidade (Ibid.,

⁴ Julien Le Roi (1686-1759) foi o primeiro mestre relojoeiro de uma família que se destacou nesse ramo na França. Christiaan Huygens (1629-1695) foi o responsável pela construção do primeiro relógio com pêndulo, tendo publicado em 1673 o tratado *Horologium oscillatorium*. Jacques Vaucanson (1709-1782), renomado mecânico do século XVIII que construiu relógios e vários autômatos, dentre os quais se destacam o pato mecânico e o tocador de flauta.

p.109). Trata-se, enfim, de considerar o corpo como um imenso relógio com capacidade de se manter em movimento, mesmo que algumas de suas peças não mais funcionem adequadamente.

La Mettrie promove uma combinação do mecanicismo boerhaaviano⁵ com a defesa da teoria da irritabilidade de Haller, sendo que esta última se apresenta como a base para a constituição do princípio explicativo do movimento da matéria. A composição a partir desses dois autores leva a esse hibridismo lamettriano, pois o mecanicismo defendido por Boerhaave, que se combina com alguns aspectos newtonianos, ao se mostrar insuficiente para dar conta da característica própria da fibra – o movimento oscilatório – funde-se com a explicação halleriana da irritabilidade fibrilar.

Foi afirmado que La Mettrie estabelece uma relação de dependência das faculdades da alma para com a organização do cérebro e de todo o corpo. A organização, então, passa a ocupar o centro não só das explicações concernentes à máquina corpórea, mas também do corpo sensível. As variações de estrutura compõem a base explicativa dos processos orgânicos que envolvem também a capacidade de pensamento, sempre permeados pelo movimento. Com isso, o autor desqualifica o termo ‘alma’:

“A alma é apenas um termo vazio de que não se tem nenhuma idéia e do qual um espírito esclarecido só se deve servir para denominar a parte que em nós pensa. Admitido o menor princípio de movimento, os corpos animados terão tudo o que lhe é necessário para se mover, sentir, pensar, arrepender-se e, em uma palavra, se conduzir na Física e na Moral que dele depende.” (Ibid., p.98)

Os exemplos apontados por La Mettrie procuram reforçar a defesa do movimento, como propriedade inerente à matéria, e do continuísmo⁶ observado na natureza. Cada parte do corpo organizado é dotada de movimento, que não depende dos nervos (e, portanto, não está ligado aos movimentos voluntários) e é observado nas

⁵ Herman Boerhaave (1668-1738), médico holandês, fortemente influenciado pela obra de Descartes. La Mettrie traduziu algumas obras desse médico, adepto do iatromecanicismo, e se declarou como seu discípulo, logo no início de sua carreira, ainda em Paris.

⁶ Refiro-me às aproximações apontadas por La Mettrie entre vegetal, animal e mineral nas obras *L’homme-machine*, *L’homme-plante*, *L’homme plus que machine*.

fibras, além de estar desvinculado da circulação de matéria sutil. La Mettrie defende um princípio material voltado para o sentir, o discernir e o conhecer presente em todos os animais, cuja sede se encontra no cérebro⁷. Nesse ponto, não se pode deixar de considerar a descoberta de Albrecht Haller – irritabilidade – que serviu de base para La Mettrie sustentar a existência de uma atividade autônoma da matéria, como pode ser verificado em várias passagens de sua obra *O homem-máquina*. A noção de irritabilidade das fibras, como um dos atributos da matéria, está associada a um princípio motor presente desde o início de todo o processo de ‘organização’ do corpo. Pode-se notar que essa concepção de irritabilidade fibrilar desempenha o papel que os espíritos animais têm na fisiologia cartesiana. Isso pode ser constatado no exemplo que La Mettrie expõe no *Homem-máquina*:

“Se forem feitas dissecações em criminosos que tenham sido supliciados e cujos corpos ainda estejam quentes, veríamos em seu coração os mesmos movimentos que são observados nos músculos faciais de pessoas decapitadas.” (Ibid., p.100)

Enfim, na defesa lamettriana do imanentismo, ao afirmar um princípio interno que rege o desenvolvimento do organismo, integrado com a medicina, que, por sua vez, envolve a mecânica e a estática, encontra-se uma fusão entre vitalismo e mecanicismo que promove a continuidade existente entre o campo da mecânica e o da fisiologia. Continuidade esta que pode ser muito bem representada na relação evocada no *Homem-máquina* entre o corpo, vinculado ao modelo do relógio, e o quilo, interpretado como o relojoeiro, associando, definitivamente, o modelo mecânico e o processo fisiológico.

BIBLIOGRAFIA

BEAUNE, Jean-Claude. **L’automate et ses mobiles**. Paris: Flammarion, 1980.

CHARBONNAT, P. **Histoire des philosophies matérialistes**. Paris: Syllepse, 2007.

⁷ Na verdade, La Mettrie toma como referência os estudos de Galeno sobre o cérebro e sobre a secção dos nervos.

MENSCHING, Günther. L'esprit dans l'œuvre de La Mettrie, in: AUDIÈRE, Sophie (org.). **Matérialistes françaises du XVIII^e siècle: La Mettrie, Helvétius, d'Holbach.** Parids: PUF, 2006.

DESCARTES, R. **Œuvres de Descartes.** publiés par Charles Adam & Paul Tannery (AT). Paris: Vrin avec le concours du Centre National du Livre, 1996.

DUSCHESNEAU, F. **La physiologie des Lumières.** London: Martinus Nijhoff Publishers, 1982.

LA METTRIE, J.-O. **Traité de l'âme.** Paris: Fayard, 1987a.

_____. **Discours préliminaire.** Paris: Fayard, 1987b.

_____. **L'homme-machine.** Paris: Fayard, 1987c.

MISSA, Jean-Noël. "Matière pensante": une introduction historique, in MISSA, J-N. (org.) **Matière pensante: études historiques sur les conceptions matérialistes en philosophie de l'esprit.** Paris: Vrin, 1999.

VARTANIAN, A. **Science and humanism in the french Enlightenment.** Charlottesville: Rookwood Press, 1999.